

PROUSTIANA

Sergio Buarque de Holanda

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

No momento em que uma editora assume o encargo benemérito de publicar em português a obra mestra de Marcel Proust, parece particularmente oportuna a tentativa de uma retrospectiva do que se tem dito, bem ou mal, a respeito dessa obra, entre escritores brasileiros. E a circunstância de poder coincidir tal retrospectiva com o interesse renovado que lhe vêm dedicando ultimamente os círculos letrados e até o grande público no mundo inteiro, não constitui a menor das razões para esse balanço.

Desde já é lícito dizer-se que a coletânea de estudos e artigos agora impressa com o título de *Proustiana Brasileira* (organizada por Saldanha Coelho. Revista Branca, Rio de Janeiro, 1950) se tornou o documento fundamental para quem se proponha empreendê-la e, ao mesmo tempo, tentar discernir os reflexos possíveis, embora nem sempre palpáveis da obra do grande romancista sobre as nossas letras.

É evidente que visando a espelhar a evolução das opiniões críticas sugeridas pela obra proustiana entre nós, nestes últimos vinte e cinco anos, sem se fixar muito em um estreito e quase impossível critério de qualidade, o volume está longe de pretender proporcionar-nos alguma revelação surpreendente. A principal reserva que pode merecer, não se relaciona a essa inevitável limitação, mas ao fato de abranger, com a única exceção, talvez, do artigo de autoria do sr. Tristão de Ataíde, que é de 1927, apenas trabalhos recentes. Para falar como o próprio Proust, quando explicou certa vez a gênese de sua obra, onde o capítulo inicial e o final teriam sido escritos antes do resto, falta aqui o *entre-deux*.

Tal circunstância não perturba apenas qualquer visão ampla do assunto, como de certo modo tende a contrariar até o propósito deliberado do organizador do volume, que na «Nota Introdutória» se exprime nestes termos: «Se houve de nossa parte um critério preestabelecido, foi o de reunir ao depoimento de escritores já incorporados à nossa literatura — com os quais nem sempre concordamos, mas cuja existência não se pode ignorar — o depoimento mais recente daqueles que agora vêm surgindo na vida literária...»

Parece que, segundo esse mesmo critério, não seria possível ignorar-se o ensaio mais extenso, provavelmente, e sem dúvida o primeiro e único livro que até agora se publicou no Brasil sobre o assunto. A inclusão ao menos de algumas páginas do estudo do sr. Rui Coelho poderia ter corrigido essa falha. Entre os ensaios extensos que mereceu, entre nós a obra de Proust, recordo-me do que publicou há longos anos o sr. Jorge de Lima, e que também não é aproveitado. Omissão importante, essa em realidade imperdoável é a de algum dos estudos críticos do sr. Antônio Cândido, que assim como os já citados, não vêm relacionados sequer na bibliografia final. Não creio que exista, em todo este volume, nada superior às evocações da paisagem proustiana publicadas há algum tempo, num jornal paulista, por esse notável conhecedor do assunto, que ao par disso é um dos espíritos críticos mais atilados que o Brasil hoje possui.

Na resenha das omissões, e para citar desta vez um «daquêles que agora vêm surgindo na vida literária», conforme as palavras do sr. Saldanha Coelho na nota introdutória, eu não deixaria de mencionar o artigo, tão rico em sugestões críticas, que publicou há pouco no *Diário de Notícias* o sr. Bernardo Gerson, se tivesse saído em tempo de alcançar a organização e impressão do volume.

Outra falha, que se há de atribuir menos aos organizadores, aliás, do que aos autores, vem do desleixo lamentável com que alguns destes admitiram a republicação de seus trabalhos sem ao menos uma revisão capaz de retificar, se possível, melhorar o conteúdo: o caso, entre vários outros, do artigo intitulado *Tempo e Verdade*, de autoria de quem redige estes comentários.

Quanto a divergências de pontos de vista, que distinguiriam os colaboradores veteranos dos que

apenas se iniciam nas letras, estou longe de acreditar que sejam elas tão nítidas quanto o parece indicar a nota do sr. Saldanha Coelho. Uma das impressões vivas que me ficou da leitura desta série de ensaios é justamente a de que, com raras exceções, não progrediu e não variou de modo apreciável o julgamento da obra de Proust através das diversas gerações representadas na obra.

Do sr. Tristão de Ataíde há uma contribuição que suponho original — ao menos não tenho lembrança de a ter encontrado em outros críticos —: sua tentativa de aproximar o estudo do inconsciente em Proust com certas efusões de Maine de Biran em seu diário íntimo. É verdade que tal aproximação não passa da tendência para assimilar a ênfase dada ao consciente e à memória involuntária a diversas manifestações da filosofia romântica, segundo se apresentou através dos séculos, até desembocar no bergsonismo.

Depois disso não é sem alguma surpresa que vemos outro crítico, dentre os mais ilustres, o sr. Otto Maria Carpeaux insinuar uma aproximação com o associacionismo filosófico do século XIX. Mas a oposição das duas atitudes parecerá menos violenta do que se pode pensar à primeira vista, quando refletirmos que cada um desses críticos se apoderou de uma das faces diferentes e mesmo divergentes que apresenta a obra do romancista, isolando-a das demais, para melhor fixá-la. É interessante notar, a propósito como um Sartre, que não deixa de filiar ao bergsonismo numerosos traços essenciais da obra de Proust, na medida ao menos em que um e outra exprimem a noção do tempo psíquico, assinala em *L'Être et le Néant* (à pg. 154) que a idéia proustiana da pluralidade sucessiva dos eus, levará por força às mesmas e intransponíveis dificuldades que encontraram em sua época os associacionistas. Não terá sido uma reflexão da mesma ordem o que levou o sr. Carpeaux ao seu ponto de vista?

Nessa aparente procissão de discrepâncias ainda se pode incluir a colaboração do outro crítico — o sr. Evaristo de Moraes Filho — que vai mais longe, chegando a falar, não já em associacionismo, porém «gestaltismo». Com o criador de Swann e a partir dele, o romance teria passado a ser um retrato de corpo inteiro, apanhando figura e fundo, árvore e paisagem. Contudo o crítico parece admitir que aqui os dois mundos complementares — exterior e íntimo — não se manifestam simultaneamente, mas sucessivamente. Assim, os primeiros volumes de *Em Busca do Tempo Perdido* proporcionariam de preferência o ambiente mundano frequentado pelo autor; só nos outros é que iria triunfar, com a moléstia e o recolhimento, a forma introspectiva. Esse esquematismo, admitindo-se que corresponda realmente aos fatos — o que me parece em todos os pontos contestável —, descansa na falsa presunção de que o romance fóra composto na ordem em que se publicariam mais tarde os volumes. E também na idéia de que a doença do autor, em realidade muito precoce, só se teria manifestado subitamente no curso da composição.

De passagem caberia notar que o próprio Proust se considerou constantemente no polo oposto ao realismo, realismo no sentido estrito e tradicional da palavra, «realismo do lado exterior», para falar na linguagem do crítico brasileiro. O mundo exterior só lhe era acessível depois de filtrado pela imaginação, pela distância, pelo sonho e pela poesia. No volume agora publicado de sua correspondência com Gide (*Lettres a André Gide*, Neuchâtel et Paris 1949, pg. 26) vê-se como esse homem mesureiro e sempre temeroso de ferir suscetibilidades, justas ou não, ousou denunciar francamente o que lhe repugnava em *Les Gaves du Vatican*: «Não consigo», declara ele, «por fadiga, talvez, ou preguiça, ou tédio, relatar, quando escrevo, alguma coisa que não tenha suscitado em uma impressão de encantamento poético ou em que não julgasse aprender uma verdade geral. Meus personagens nunca tiram a gravata...»

Mas esses reparos não visam a contestar (nem a afirmar) que a obra do grande romancista não

(Conclui na 2.ª página)

Continua no verso

VIDA LITERÁRIA

(Conclusão da 1.ª página)

possa ser interpretada em certos aspectos, segundo a psicologia de *Gestalt*. Ou segundo o associacionismo, como quer o sr. Carpeaux. Ou segundo as filosofias românticas, o idealismo platônico ou germânico, o bergsonismo, sobretudo, como tantos outros querem com motivos mais aparentes. Ela pode sujeitar-se um pouco a tôdas essas interpretações, sem se reduzir verdadeiramente a nenhuma. E é o caso de se perguntar, com um dos seus críticos americanos, que tradição a obra de Proust não recapitula.

Pretendeu-se, nestes comentários, sugerir apenas que, diversas como são, com efeito, as opiniões representadas na *Proustiana Brasileira* sobre as tradições que essa obra exprime e as influências de que se ressentiu ou a que foi porventura refratária, não são obrigatoriamente inconciliáveis entre si. E não prejudicam a impressão de que pouco variou, no Brasil, o julgamento crítico a seu respeito, desde que se fez melhor conhecida.

O traço comum mais eloquente que encontramos em todos estes artigos é, não direi, como o organizador, o "culto", mas o aprêço quase irrestrito, e por motivos muito semelhantes, que a obra vem merecendo indistintamente dos nossos críticos mais conscientes, em todo este último quarto de século. É significativo como, em tôda esta coletânea, o único

artigo totalmente infeliz é também o único totalmente restritivo. E, em verdade, não tanto pelo que nele se diz contra Proust, como pelo que não se diz acerca das próprias idéias de quem o redigiu. Para o sr. Raimundo de Sousa Dantas, o romancista francês é apenas inaceitável, porque contraria um *nós* soberano e misterioso. Não concorda com *nossa* maneira de ser. Não significa nada para *nós*, nem enriquece *nosso* cabedal. Não *nos* serve de nada no desenvolvimento de *nossa* arte e de *nosso* conhecimento de *nós* mesmos. Em dado momento cuida-se que o autor irá, enfim, expor os graves fundamentos de sua oposição. E quando se refere à "investigação do monstruoso", à "absoluta monstruosidade" que caracterizaria a obra do romancista de Sodoma e Gomorra. Pressente-se que existam poderosas razões morais para a repulsa. Mas a vaga suspeita logo se dissipa quando lemos, logo em seguida, que o autor prefere "por isso" a obra de Gide à de qualquer outro artista moderno.

Outras reservas muito menos totais e que, em realidade, não chegam a destoar do tom geral favorável e frequentemente apologético destes escritos, dependem de uma posição intelectual e crítica perfeitamente definida e que merecerão, assim, mais detido exame.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1.625 (São Paulo).